



## DEFINIR A CULTURA?: POLÍTICA E SENTIDOS DE UMA PALAVRA

Felipe Augusto Santana do Nascimento<sup>1</sup>

É senso comum entre os estudiosos das mais diferentes áreas das Ciências Humanas que a palavra cultura apresenta difícil definição, visto que não há um consenso entre os estudiosos sobre o que tal palavra significa e o se quer dizer quando se fala em cultura. Além de outros fatores que podem ser discutidos em torno dessa palavra, dois parecem ser primordiais para compreendermos o processo de definição desse significante hoje em nossa sociedade: cultura é uma palavra e, ao mesmo tempo, é uma noção. Isso significa dizer que podemos, entre outras formas, compreender a definição de cultura a partir do discurso lexicográfico, que é entendido na sociedade como aquele que legitima os sentidos de uma palavra por meio de instrumentos linguísticos (no caso, o dicionário ou a enciclopédia), e o discurso científico, que apresenta o efeito de ser logicamente estabilizado, legitimando, pela ciência, uma "verdade". Para este trabalho, então, optamos por compreender os sentidos da palavra cultura a partir do discurso lexicográfico, mais especificamente a partir dos dicionários de línguas.

Dessa forma, situado na Análise de Discurso, em articulação com a História das Ideias Linguísticas, tomamos o dicionário como uma tecnologia de gramatização (AUROUX, 2009) e como um objeto histórico e discursivo (NUNES, 2006; ORLANDI, 2013) para compreendermos os sentidos em torno do verbete cultura na materialidade específica do dicionário de línguas, mais especificamente dicionários de língua portuguesa<sup>2</sup>. Na tensão entre a paráfrase e a polissemia, entre o mesmo e o diferente (ORLANDI, 1999), discutimos como em diferentes períodos da história essas evidências foram sendo construídas, ao analisar o funcionamento da contradição e o trabalho do político na constituição dos sentidos em torno dessa palavra. Desse modo, algumas questões são levantadas neste trabalho: como o verbete cultura é definido nos dicionários? Como se repetem, se transformam, se estabilizam os sentidos em torno desse verbete? Quais deslizamentos estão em jogo nessa estabilização?

Como estamos nos referindo a uma palavra e à dificuldade de sua definição, é importante apontar que a problemática da definição é tão antiga quanto a própria Filosofia, já que há muito tempo se discute se é possível, de fato, definir. Ou ainda poderíamos dizer que os estudos em torno da definição são tão antigos como os estudos da linguagem, uma vez que os sujeitos, ao recortarem o real, nomeiam o mundo, dando sentidos as coisas, "definindo-as". Definir, nesse sentido mais genérico, seria a condição do sujeito estar no mundo. Entretanto, esse sentido sobre a definição não é suficiente para compreender o que se quer dizer quando falamos em definição. Isso porque, nessa perspectiva, há

<sup>1</sup> Doutorando em Linguística pela Programa de Pós-Graduação em Linguística da UNICAMP. Bolsista do CNPq. E-mail: felipe.augustus@hotmail.com

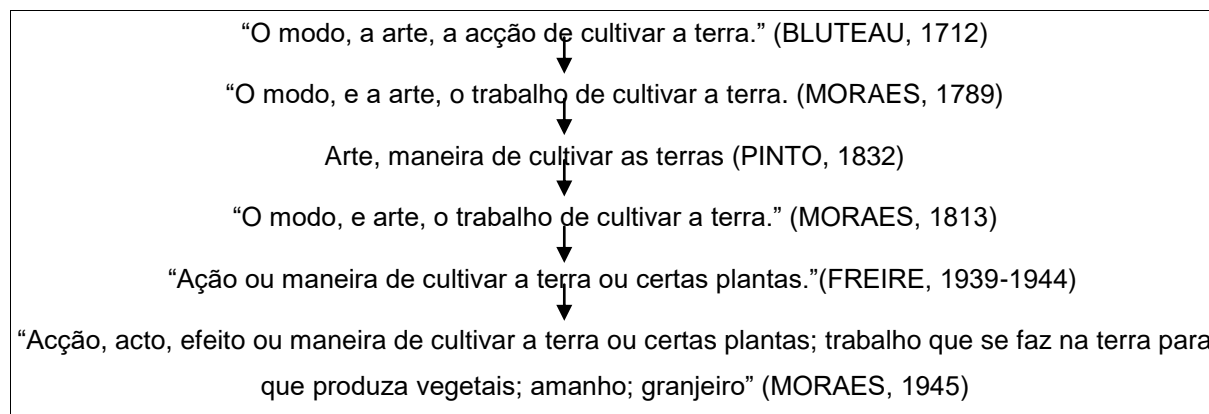
<sup>2</sup> Aqui trouxemos um recorte de uma pesquisa maior que também leva em consideração dicionários de língua francesa, já que diferentes estudiosos da área das Ciências Sociais apontam que a palavra cultura ganha uma importância para a sociedade a partir do Século das Luzes. Além disso, retomamos trabalho anterior (NASCIMENTO, 2016), mas com o foco agora na problemática da definição da palavra cultura.



uma continuidade e uma coincidência entre a ordem natural e a ordem humana, já que o homem poderia produzir (definir) e etiquetar o mundo, essa continuidade entre a ordem natural e a ordem humana produz a ilusão de que é possível definir a natureza de uma coisa, por exemplo, pelo apagamento do histórico e do político. Nesse sentido, a compreensão da noção de definição que se baseia numa língua transparente, sem falhas, que poderia explicar a natureza de uma coisa por sua diferença, por exemplo, sem determinar em relação a que essa diferença é compreendida, não condiz com a perspectiva que adotamos. Isso porque não seria possível uma definição justa, exata, clara, nítida, uma compreensão lógica da linguagem, na sua relação linguagem – natureza de uma – coisa.

A partir de uma perspectiva materialista-discursiva, à qual nos filiamos, o que temos é uma não-continuidade e uma não-coincidência entre a ordem natural e a ordem humana. Isso significa dizer que as relações entre os sujeitos não são relações naturais e que há um corte no *continuum* biopsicosocial produzido pelo corte simbólico, no qual há um trabalho da ordem humana sobre a ordem natural. Nesse sentido, podemos afirmar que a definição, em uma perspectiva materialista-discursiva, é um trabalho da ordem humana sobre a ordem natural que implica uma não-coincidência, no sentido em que Authier-Revuz (1998) aponta em seus trabalhos, entre as palavras e as coisas, entre as palavras e as palavras e as palavras e os sentidos. As palavras, portanto, significam em determinadas condições sócio-históricas produzidas por relações contraditórias entre sujeitos e suas condições materiais de existência.

Optamos por fazer um recorte de nosso arquivo de dicionários de língua portuguesa. Então, para este trabalho, selecionamos, o *Vocabulário portuguez e latino* (1712-1728), de Raphael Bluteau; o monolíngue *Dicionário da língua portuguesa*, do brasileiro Antônio Moraes Silva, publicado em 1789 e as edições 1813 e 1945; o *Dicionário da Língua Brasileira*, de Luis Maria da Silva Pinto, publicado em 1832; e o *Grande e novíssimo dicionário da língua portuguesa*, de Laudelino Freire, publicado entre 1939-1944. Esses dicionários são representativos da lexicografia brasileira do século XVIII, XIX e primeira metade do século XX. Assim, dentre as definições da palavra cultura nos dicionários analisados, selecionamos a primeira definição de cada dicionário. Embora pertençam a séculos distintos, as definições da palavra cultura nos diferentes dicionários selecionados apresentam uma relação entre eles e funcionam parafrasticamente, o que aponta para uma tensão em um dos sentidos da palavra cultura e para sua estabilização.





Apesar de as frases acima funcionarem parafrasticamente, é importante observar que, embora na definição de Bluteau (1712) cultura esteja relacionada à ideia de “acção”, um sujeito que de certa forma age sobre a terra, é interessante observar que as palavras “modo” ou “arte”, em Bluteau (1712), Moraes (1789; 1813) e Pinto (1832), são utilizadas para definir cultura. Essas palavras, no entanto, desaparecem no dicionário de Laudelino Freire (1939-1944) e na décima edição, de 1945. O sujeito religioso dá lugar definitivamente ao sujeito de direito. Cultivar não é mais considerado uma arte, mas “acção, ato, efeito”, “trabalho que se faz na terra” com uma finalidade: “para que produza vegetais...”. A arte de cultivar não é mais definida como algo natural, mas como um trabalho que tem uma finalidade. Seguindo o raciocínio de Nunes (2006, p. 184), é possível observar na definição de cultura os seguintes movimentos: a passagem do sujeito religioso (modo, arte) para o sujeito jurídico (ato, trabalho); a passagem do modo de fazer artesão (o modo, a arte) para o processo de fabricação (o trabalho que se faz na terra); e a passagem da definição enquanto processo (acção de cultivar) para a definição de finalidade (para que produza vegetais). Temos também, nesse recorte, o funcionamento do discurso econômico, sendo possível observar a passagem do artesanal (modo, a arte) para o econômico (trabalho), que gera produto e, por sua vez, lucro.

Além disso, apesar de não aparecer nas definições selecionadas para este trabalho, o atravessamento do discurso econômico em relação à cultura perpassa outras definições materializadas nos dicionários de línguas mais atuais, apontando para a estabilização da dimensão econômica da cultura. Isso ainda pode ser observado nas políticas públicas de cultura mais recentes do governo brasileiro que, além de priorizar a dimensão simbólica da cultura, sem muitas vezes definir o que seria essa dimensão simbólica, enfatiza o caráter econômico da cultura, já que ela gera renda para determinada população e, conseqüentemente para o país, por meio da produção cinematográfica ou festivais culturais, por exemplo.

A primeira definição de cultura nos dicionários analisados também aponta para a tensão entre o processo (o cultivo da terra – o sujeito que cultiva) e o produto (o resultado desse cultivo, o objeto/produto desse cultivo). Os sentidos em torno da palavra cultura movem-se, deslizam e tornam-se outros, mas a tensão entre o processo e o produto (o sujeito e o objeto) continua a produzir efeitos. Tal tensão é importante para pensarmos como atualmente a palavra cultura funciona na sociedade. Há um forte apagamento do processo (dos sujeitos e da história) em detrimento do produto (dos objetos, dos resultados) provocando, com isso, a naturalização da cultura e, por sua vez, dos sujeitos pelo apagamento do político e da história. Dessa forma, os sujeitos, que constituem e são constituídos no processo, são naturalizados e se tornam produtos (por que não dizer: mercadorias?). Neste trabalho, apenas trouxemos a primeira definição da palavra cultura. Os dicionários mais recentes de Língua Portuguesa, apresentam muitas definições para o verbete cultura. Definições estas que se afastam da relação de cultura como o cultivo da terra e passa a perpassar outros campos do saber a tal ponto que, na terceira edição do dicionário *Aurélio*



(FERREIRA, 1999), podemos observar a inserção de definições da Sociologia, da Antropologia, da Filosofia e da Biologia marcando que esta palavra, ao fazer parte de diferentes áreas do conhecimento, é disciplinarizada. Há uma colagem da cultura ao homem, a palavra cultura passa a ser uma noção explicativa do homem. Embora haja uma reflexão sobre a cultura não como algo natural, a disciplinarização da cultura se dá a partir de indivíduos, sujeitos biológicos, não sujeitos históricos descentrados. Há com isso, a naturalização da noção de cultura e o apagamento de sua dimensão histórica que é naturalizada, tornada algo intrínseca ao sujeito. Temos, assim, o apagamento do político e as definições em torno do verbete cultura aparecem como algo dado, e não parte de um jogo de forças que priorizam determinados sentidos em detrimento de outros.

A cultura, nesse sentido, funciona, como aponta Orlandi (2008), apagando a história; assim, “o uso indiferenciado da palavra ‘cultura’ resulta do apagamento da história. As razões culturais, em ciência, podem ser o efeito da falta das razões históricas, breve, políticas” (idem, p. 89-90). Além disso, o apagamento da história pelo social produz também o apagamento da ideologia, pois, muitas vezes a palavra “cultura” aparece como sinônimo de ideologia (ORLANDI, 2012). Nesse sentido, é que entendemos que tanto a naturalização da cultura quanto o apagamento histórico-ideológico servem ao Estado no processo de identificação ao Estado, ao produzir o reconhecimento do sujeito no que é tido como cultural.

É ao compreender, portanto, o funcionamento político e histórico em torno da palavra cultura, observando como os diferentes sentidos em torno dessa palavra vão sendo constituídos ao recortar o real, que podemos lançar luzes sobre o que se entende por cultura hoje e, assim, tentar compreender seu funcionamento na sociedade. Muito ainda se pode dizer sobre esse funcionamento, porque há história e os sentidos estão sempre à deriva.

## REFERÊNCIAS

- AUROUX, Silvain. *A revolução tecnológica da gramatização*. Trad. Eni Orlandi. 2 e. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino*. Lisboa: Colégio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728.
- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas: as não-coincidências do dizer*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1998.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Hollanda. *Novo Aurélio do século XXI*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999
- MORAES SILVA, António de. *Diccionario da língua portuguesa*, composto pelo Padre D. Rafael Bluteau, reformado, e acrescentado por Antonio Moraes Silva natural do Rio de Janeiro. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário de língua portuguesa*. 2 ed. Edição comemorativa referente à edição de 1813. Fotografado pela Revista de Língua Portuguesa, Rio de Janeiro, 1922.
- \_\_\_\_\_. *Dicionário da língua portuguesa*. 10 ed. Lisboa: Editorial Confluência, 1945-1954.
- NASCIMENTO, Felipe Augusto Santana do. O verbete cultura: apontamentos sobre a relação entre cultura e Estado (nacional). In: ORLANDI, Eni et al. *Anais do Enelin 2015*. Pouso Alegre: Univás, 2016, p. 234-240.



NUNES, José Horta. *Dicionário no Brasil: Análise e História do século XVI ao XIX*. Campinas: Pontes/Fapesp/Faperp, 2006.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas, Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interpretação*. A autoria, leitura e efeitos do trabalho do simbólico. 6 ed. Campinas, SP: Pontes editores, 2012.

\_\_\_\_\_. Lexicografia discursiva. In: \_\_\_\_\_. *Língua e conhecimento linguístico: para uma história das ideias no Brasil*. 2 ed. São Paulo: Cortez Editora, 2013. p. 113-134.

PINTO, Luis Maria da Silva. *Dicionário da língua brasileira*. Ouro Preto: Typografia de Silva, 1832.